

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Diálogo
Movimentos
Sociais

Identities - Gênero, Sexual e Romântica

Identities – Género, Sexual y Romántico

Identities - Gender, Sexual and Romantic

Igor Sammy da Costa Jurema Farias
Escola Superior da Amazônia / Esamaz- Brasil
sammyjurema@hotmail.com

Como citar este artigo:

FARIAS, Igor Sammy da Costa Jurema. Identidades - Gênero, Sexual e Romântica. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 377-396, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Identidades - Gênero, Sexual e Romântica

Identidades – Género, Sexual y Romántico

Identities - Gender, Sexual and Romantic

Resumo

O estudo apresentado tem como objetivo caracterizar aspectos sobre as identidades sexual, romântica e de gênero que perpassam não somente em pessoas heterossexuais cisgênero, mas também, principalmente, em pessoas da comunidade LGBTTIQA+. Tratando suas diferenças particulares e construções como base para a formação da identidade individual e sua problemática generalização em orientação sexual.

Palavras-Chave: Gênero; Identidade; Psicologia; Sexualidade; Romântica.

Resumen

El estudio presentado tiene como objetivo caracterizar aspectos sobre las identidades sexual, romántica y de género que presentan no solamente las personas heterosexuales cisgénero, sino también, principalmente, en personas de la comunidad LBTTIQA+. Tratando sus diferencias particulares y construcciones como base para la formulación de identidades individuales y su problemática generalizando en orientación sexual.

Palabras-Clave: Género; Identidad; Psicología; Sexualidad; Romántico.

Abstract

The study presented here has the aim of characterize different aspects of sexual, romantic and gender identities, that pervade not only heterosexual cisgender people, but also, and mainly, people from the LGBTTIQA+ community. The study treats their personal differences and constructions as the bases for the constitution of the individual identity and its problematic generalization in sexual orientation.

Keywords: Gender; Identity; Psychology; Sexuality; Romantic.

Igor Sammy da Costa Jurema Farias



Introdução

O tema de identidade de gênero, identidade sexual e identidade romântica tem se tornado bem comum dentro dos espaços de ativismo da comunidade LGBTTIQA+, porém tanto dentro quanto fora, uma questão ainda se faz fortemente presente: Quais as diferenças entre elas?

Aspectos pouco estudados sobre as identidades sexuais, românticas e de gêneros que perpassam também por pessoas heterossexuais cisgênero, chegam de maneira muito abrupta, acabam por ser mal interpretados e vistos como afrontas caóticas a heteronormatividade vigente na sociedade, fazendo assim com que o preconceito se intensifique.

A identidade sexual (orientação sexual) tende a ser generalizada em quem a pessoa é, por quem se atrai, seja sexual e/ou romanticamente, como também é facilmente usada de modo errôneo para substituir identidade de gênero, causando problemas quando precisa-se explicar e entender as variantes expressividades humanas que estão fora do padrão aceito como normal.

Deve-se esclarecer como estas diferentes características são de suma importância para a melhor compreensão do desenvolvimento social e individual da diversidade humana. Pretende-se com este artigo, explicar diferenças entre as identidades de gênero, sexual e romântica para profissionais e leigos. De modo a caracterizar diferenças, criticar a generalização feita na identidade sexual e justificar a separação necessária.

O presente trabalho será desenvolvido na perspectiva de revisão bibliográfica, buscando um levantamento qualitativo. Segundo Vergara (2000) pesquisas em revisão de literatura apresentam uma apuração de observação, análise e pesquisa, em estudos já realizados a respeito do problema. O interesse centra-se nas análises dos levantamentos teóricos obtidos e a aplicação de uma metodologia onde, o pesquisador deve realizá-la com seriedade, mostrando as possíveis divergências e/ou melhorias levantadas.

A metodologia de pesquisa inicialmente será exploratória, tendo em vista que são assuntos pouco trabalhados em pesquisas aqui no Brasil. Onde, as principais fontes de consulta utilizadas vieram de artigos acadêmicos, livros, revistas, monografias e manuais.

Referencial Teórico

A orientação sexual segundo a APA (2015), é um componente da identidade onde uma pessoa tem atrações sexuais e emocionais por outra pessoa independente de qual gênero seja, binário (Homem e Mulher) ou não-binário, que é a não conformidade de gênero (Gênero fluido, bigênero, etc.) e esta pessoa pode se identificar como heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, dentre outros¹.

O problema é que, esta, tende a ser generalizada em por quem a pessoa se atrai, seja sexual e/ou romanticamente, como também quem a pessoa é (identidade de gênero) causando problemas quando precisa explicar e

1 Orienta procedimentos para tratamentos psicológicos com pessoas transgênero ou que tem não conformidade de gênero, diferente em detalhes conceituais do próprio dicionário de psicologia da APA (American Psychological Association).

entender as variantes expressividades humanas que estão fora do padrão aceito como normal (heteronormativo).

Logo, quando uma pessoa se identifica como heterossexual e cisgênero², interpreta-se que, se for mulher (XX) se atrai sexual e amorosamente por homem (XY) e vice-versa, essa construção binarista ocorre de maneira compulsória, ou seja, mesmo em uma sociedade ciente da existência de pessoas com orientação sexual diversa, um homem (XY) que se atrai sexual e amorosamente por outro homem (XY) é classificado como desviante do padrão de normalidade pois, sua construção de gênero se dá em uma designação obrigatória desde o nascimento (BUTLER,1999; MEADOW, 2010).

Se é geneticamente XY e tem pênis logo seu gênero é homem, se é geneticamente XX e tem vagina logo seu gênero é mulher, e as atrações sexuais mandatórias devem também seguir a heteronormatividade, que de acordo com Foster (2001) é uma reprodução de práticas e códigos heterossexuais que se mantêm, com modelo padrão de família (pai, mãe e filhos), monogamia, amor romântico e a perpetuação do heterossexismo compulsório, que acarreta a manutenção da heteronormatividade.

Deixando assim a orientação sexual definindo identidade de gênero, identidade romântica e a própria identidade sexual.

Pretende-se explicar como estes diferentes significados identitários são de suma importância para a melhor compreensão do desenvolvimento social e individual da diversidade humana, tendo em vista que, uma caracterização para a amenização da problemática de compreensão com termos mais aprimorados e criticar uma certa falta de padronização de significados dentre os (as) autores (as), em especial para identidade sexual, acabam também por configurarem múltiplos usos mal associados, onde justificar a separação de todos e seus respectivos usos se faz necessária.

Diferenças Conceituais

Para compreender as concepções dos termos identidade de gênero, identidade sexual e identidade romântica, um levantamento teórico do que já se discute a respeito foi feito, elencando autores, já conhecidos e amplamente trabalhados como Judith Butler (1999), Bourdieu (1999), Louro (2001; 2013) dentre outros mais recentes como, Jesus que elenca as lutas e identidades transgênero, e Bell (2015) que trabalha identidade romântica. Utilizando assim, definições básicas do que é a identidade, inicialmente, e como funciona sua construção subjetiva, dentro das referentes, ao artigo.

Partindo deste ponto, a identidade segundo Bauman (2005) é algo maleável, onde o processo de mudança pode acontecer ao longo da vida conforme as decisões tomadas e histórias de vida experienciadas moldarem o que cerne a pessoa. Não cabendo, entretanto, tudo aquilo que se aprende a uma condição fixa imutável onde o pertencimento rege, tudo é fluido, toda vivência e aprendizado pode ser ciclicamente reformulado.

Logo, as identidades sexuais, românticas e de gêneros podem ser

2 Segundo Jesus (2012) Pessoa que se identifica com o gênero que foi designada ao nascer, contraposição a transgênero.

compreendidas com a mesma maleabilidade conforme as escolhas individuais, observando-se, de acordo com Ciampa (1984), os fatores biopsicossociais que moldam cada pessoa.

Quando se fala em identidade, constrói-se a ideia de que começa a ser desenvolvida em um período inicial da vida (infância), e ao término deste (Adulto) ela estará pronta e sólida como uma montanha, e não somente sólida, mas como se o que a forma, advindo do social e cultural, fosse apenas introjetado como uma verdade (pleonasma) a ser seguida. Entretanto, as seleções pessoais devem ser consideradas, já que a individualidade da pessoa através do processo de subjetivação é que realmente vai definir aspectos identitários próprios e não apenas modelos padronais de comportamento impostos pelo social e cultural.

Também com a mesma perspectiva de tomada de escolhas individuais que moldam a identidade, Rogers e Kinget (1977) definem o conceito de self como a autopercepção de quem se é, e da realidade pela própria pessoa.

[...] é uma estrutura, isto é, um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo. Como exemplo dessas percepções citemos: as características, atributos, qualidades e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que o indivíduo reconhece como descritivos de si mesmo e que percebe constituindo sua identidade. Esta estrutura perceptual faz parte, evidentemente – e parte central – da estrutura perceptual total que engloba todas as experiências do indivíduo em cada momento de sua existência. (ROGERS e KINGET, 1977, p. 44)

A autopercepção de si mesmo, é característica mor em aceitação do que se é: “[...] o curioso paradoxo é que quando eu me aceito como sou, então eu posso mudar” (ROGERS, 2009, p.17) Logo, as questões identitárias têm a experiência individual como fator determinante de suas construções e identificações pessoais, não somente um padrão heteronormativo, também construído, que vai definir como uma pessoa deve ou não deve ser, seja seu gênero, sua sexualidade ou mesmo sua atração amorosa.

Butler (1999) entretanto, acredita que enquanto não se conseguir ultrapassar os limites que controlam simplórias categorias de identidade para que não mais se reduza a complexidade da sexualidade, os apagamentos de orientação sexual e as regulações normativas impostas para características do corpo (Que regulam tanto gênero quanto orientação sexual), a própria identidade divergente se converte em instrumento de poder político na luta por sobrevivência. Onde o modelo de identidade sexual, configurado em macho/fêmea, binarista e genital, se rompe através de atos performáticos subversivos.

Elementos de uma conceituação primária de identidade de gênero:

[...] tanto a masculinidade quanto a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes. [...] a identidade de gênero encerra um comportamento psicologicamente motivado. [...] sexo e gênero não estão, necessariamente, de maneiras diretas relacionados. (STOLLER, 1993, p.28).

Mesmo em sua problemática concepção de identidade de gênero, ainda fechada de forma binarista e determinista, Stoller (1993), como trazido em elementos de sua citação, já fazia a distinção entre sexo e gênero, mesmo considerando que as pessoas que buscavam a cirurgia de transgenitalização, ou seja, tinham a 'fantasia' de uma mudança apresentavam sintomas de alguma doença, a incluir psicopatia e esquizofrenia. É claro que, desde sua concepção ao termo em 1964 até os dias atuais de 2018, as noções equivocadas e a patologização de pessoas que diferem a heteronormatividade vigente ainda são problemáticas de contínua luta.

Desenvolvendo ainda mais os conceitos mandatórios de comportamento social a partir do gênero, a doutora brasileira Jesus (2012) diz que, as construções de gênero e papéis de gênero são impostas a homens e mulheres desde muito cedo, estes variam conforme a sociedade em que se vive, ou seja, o que tem uma concepção de comportamento masculino ou feminino, aqui no Brasil, não é a mesma em outro país, da mesma maneira o que é ser homem ou mulher, a depender da cultura. Ressalta também que, sexo é algo apenas biológico e gênero um quesito social, onde a formação deste gênero vai muito além de apenas órgãos genitais para ser definido. Observam-se casos cada vez mais comuns na sociedade, onde a identidade de gênero da pessoa não é condizente com o sexo biológico, e isso é uma luta constante para não mais se configurar como um transtorno mental, nomeiam-se como pessoas transgênero.

Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento [...] Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans. (JESUS, 2012, p. 10)

É de suma importância deixar bem claro que independentemente de ser cisgênero ou transgênero qualquer pessoa tem identidade de gênero, identidade sexual e identidade romântica.

De modo observável a respeito de categorias distintas em identidade de gênero pode-se exemplificar algumas identidades diversificadas.

Identidade de gênero:	Homem cisgênero	(Gênero binário)
Identidade de gênero:	Homem transgênero	(Gênero binário)
Identidade de gênero:	Mulher cisgênero	(Gênero binário)
Identidade de gênero:	Mulher transgênero	(Gênero binário)
Identidade de gênero:	Gênero fluido	(Gênero não-binário)
Identidade de gênero:	Queer	(Gênero não-binário)
Identidade de gênero:	Travesti	(Gênero não-binário)
Identidade de gênero:	Bigênero	(Gênero não-binário)

Fonte: Exemplo baseado nos estudos de (BARKER; BOUMAN; NIEDER; RICHARDS; SEAL; T'SJOEN, 2016).

Diversos estudos têm sido feitos para se procurar elementos biológicos que comprovem a existência natural de uma identidade de gênero, onde, a própria pessoa seja validada ao se afirmar como não pertencente ao gênero que foi designada ao nascer, como se vê no livro *Evolution's Rainbow* da Dra. Joan Roughgarden (2004).

Os estudos de cérebros transgênero revelaram uma contrapartida orgânica para uma parte da variação na identidade de gênero - uma descoberta valiosa. Nós pessoas transgênero desejamos dizer: "Nós dissemos isso". Se assumir como transgênero significa perceber algo profundo sobre nós mesmos. Por que algumas pessoas nos acham mais críveis uma vez que a conexão orgânica é evidente? Não poderiam ter levado a nossa palavra a sério sem dissecar seis cérebros encharcados com formaldeído? (ROUGHGARDEN, 2004, p. 241)

Em tempo, essas descobertas se tornam validações sociais na busca de direitos e de aceitação ao se ter um embasamento científico biológico mostrando a existência de uma variância não somente como uma 'anomalia', e sim como uma variedade de existência humana. Mas, este modelo, mesmo sendo classificado como meramente biologizante pois, não necessariamente se levam aspectos subjetivos dos objetos de pesquisa (vivências, experiências de vida, construções e descobrimento), ainda não elabora o funcionamento de pessoas com identidades de gênero fora do modelo binário (Homem/Mulher), e quanto a pessoas que se identificam como não binárias? Seriam aspectos oscilantes entre as variabilidades da plasticidade cerebral em sua formação, construção e identificação de gênero?

[...] a variação nos muitos “grãos de arroz” das células nervosas mostram que os cérebros variam de acordo com o sexo, identidade de gênero e orientação sexual. Análises mais aprofundadas dos estados cerebrais podem revelar tantas diferenças entre os cérebros das pessoas quanto entre os rostos das pessoas. (ROUGHGARDEN, 2004, p. 246)

O interessante é que, existem vários grupos transgressores desta norma binarista de gênero, sendo cisgênero ou transgênero, a construção identitária majoritariamente funciona entre aspectos que precisam ser afirmados socialmente como “o gênero escolhido”, sendo assim, expressão masculina ou feminina, gênero homem ou mulher, genitália pênis ou vagina, entretanto, começando com as próprias pessoas transgênero binárias que já contestam esses parâmetros, impostos como pouco fluidos pela heteronormatividade vigente.

De acordo com Roughgarden (2004) não necessariamente todas as pessoas transgênero se enquadrarão em normativas binarista, pois existem pessoas que não se identificam socialmente nem como homens nem como mulheres, mas sim algo entre os dois, ou um pouco de cada, onde, trazem novos tipos identitários que poderiam ser classificados como um 'terceiro gênero'.

Contudo, levar em conta que mesmo dentro deste possível “terceiro gênero” a variabilidade de quantidades (gênero fluido, bigênero, pangênero, demi-boy, demi-girl, etc.) não caberia nem mesmo em uma possível dualidade dentro do mesmo, como também limitaria a própria identificação de outros gêneros não-binários, se faz necessária.

Reafirmando um ponto bastante interessante dentro da binaridade, Bourdieu (1999) mostra como as pessoas tendem a achar um processo “natural” as diferenças entre homens e mulheres, porém na verdade, esses comportamentos são moldados muito mais pela sociedade em que vivem, onde se tem imposições de padrões mais adequados para homens e mulheres. Evidencia que, a dominação masculina é que rege os princípios das construções sociais em gênero, e o que é comportamento masculino ou feminino, de maneira que se vive uma biologiação do aspecto social e uma socialização do biológico.

Desenvolve-se então, a noção de que os padrões de comportamento divididos entre masculino/feminino, homem/mulher, pênis/vagina são naturais em seus critérios de comportamento, isto é, homem deve ser masculino, tem que ter pênis e seguir as normativas de seu papel de gênero, nesse contexto, normativas instituídas pela própria sociedade e meio cultural em que vive. Como também a mulher deve ser feminina, tem que ter uma vagina e, também deve seguir as normativas de seu papel de gênero.

Mas o que seriam essas normativas senão regulações de comportamento de um gênero perante o outro? “As diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica.” (BOURDIEU, 1999, p. 24).

Em Bourdieu percebe-se a dominação do masculino enquanto gênero, sexo biológico e papel de gênero, através de um ideal falocêntrico, onde a divisão androcêntrica nada mais é do que a concepção de uma origem natural de superioridade de um determinado gênero perante diferenças físicas.

Diferenciado que gênero não é o mesmo que identidade sexual (orientação sexual) mas, ambos fazem parte constituinte da pessoa. Louro (2013) atenta que conforme o passar do tempo o binarismo na sexualidade (heterossexual/homossexual) deixa de funcionar prioritariamente como único existente, passando então a não se ver a identidade homossexual como englobadora de todas as outras que diferem, porém sim como uma dentre várias (bissexual, pansexual, assexual, etc.).

Louro (2010) também diz que a própria heterossexualidade não é um padrão normal e natural do ser humano, mas sim, algo que se descobre socialmente, a incluir o que se vincula como masculino ou feminino, culturalmente. Ou seja, uma concepção normativa de identidade binária (homem/mulher, macho/fêmea, pênis/vagina) tanto em gênero quanto em identidade sexual configura um modelo lógico fechado e restrito a modulação heterossexista do que é o normal e natural, buscando uma afirmação que se contesta conforme mais identidades, tanto de gênero, quanto configurações desconstruídas de identidade sexual ganham visibilidade.

O discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição de sujeito, supõe,

necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições. Nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo. (LOURO, 2001, p. 544)

Louro faz refletir sobre o próprio conceito de identidade sexual que se torna contestável enquanto contraposição a macho/fêmea e pênis/ vagina, já que em tese, homens cisgênero gays se atraem por pênis e não apenas pelo homem (gênero), por isso, tem sua identidade sexual como gays, o mesmo ocorre com mulheres cisgênero lésbicas que se configuram como tais pois se atraem por vaginas e não mulher (gênero), entretanto essa dicotomia muito genital já vem sendo quebrada por pessoas cis que se identificam como bissexuais ou mesmo as que se identificam com 'novas' categorias como pansexuais, assexuais, polisssexuais, etc.

A orientação do desejo sexual e a identidade de gênero podem ser vistas como elementos distintos sem estranhamentos ou cobranças? Ora, se são as normas de gênero que especificam e limitam a feminilidade, a masculinidade e mesmo o que podemos compreender como macho ou fêmea, homem ou mulher, não existem normas de gênero que sejam separadas de uma estética de gênero. Mais do que um “verdadeiro” sexo cromossômico, gonadal, hormonal, endócrino, psíquico ou jurídico, são as roupas, cabelos, adereços corporais, jeitos e trejeitos que, cotidianamente, expressam as normas de gênero e definem, à primeira vista, quem é “Homem” ou “Mulher” e o quanto o “masculino” e/ou “feminino” desta pessoa está de acordo com o esperado de seu gênero performativizado. (LEITE, 2011, p. 128)

Em exemplo, uma pessoa transgênero que se identifica como homem (identidade de gênero) pode ter sua identidade sexual (orientação sexual), como homossexual, ou seja, ele se atrai sexualmente apenas por homens (gênero) fugindo da concepção genital pênis/pênis normativa cis. Uma outra pessoa transgênero que se identifica como mulher (identidade de gênero) pode ter sua identidade sexual (orientação sexual) como heterossexual, ou seja, também em comparação fugindo da concepção cisheteronormativa pênis/vagina = homem/mulher, mandatoriamente.

Em minúcias, mesmo um homem transgênero homossexual pode se atrair por outro homem sendo ele cisgênero ou transgênero, tendo pênis ou vagina, o mesmo é válido para mulheres transgênero, travestis, pessoas não-binárias transmasculinas e/ou transfemininas. Ressaltando que, pessoas LGBTQIA+ cisgênero também, não impreterivelmente, se atraem por pessoas LGBTQIA+ transgênero sem depender de genital (pênis/vagina/intersexo).

Em hora, aproveita-se para mencionar e devidamente esclarecer um grupo muito importante dentro da comunidade LGBTQIA+, que são as pessoas intersexuais. “Um indivíduo intersexual tem gônadas para fazer óvulos e esperma e/ou combinações de peças de encaimento relacionadas ao esperma

e ao óvulo. Com tantas partes no sistema geral, muitas combinações são possíveis.” (ROUGHGARDEN, 2004, p.36).

Claramente a intersexualidade não é uma identidade sexual (orientação sexual) tão pouco uma identidade de gênero, mas sim, uma condição biológica composta por variações genitais (vagina/pênis), gonodais (ovário/testículo), cromossômicas (XX, XY, XXX, XXY, X0, etc.) que variam tanto externamente quanto internamente. Em suma, ao contrário do que possa remeter o nome, a pessoa intersexual, independentemente de genitais ou outros componentes biológicos, pode se identificar como cisgênero ou transgênero, ter identidade sexual heterossexual (ou Homossexual, Bissexual, Pansexual, Assexual, etc.), como também qualquer identidade romântica.

Retomando o tópico gênero, é bom ressaltar que a despatologização das identidades transgênero e travesti é largamente apoiada pelo CFP- Conselho Federal de Psicologia, a nível nacional, como também internacionalmente de forma a delimitar práticas profissionais de atuação dentro da psicologia, abaixo, segue a conceitualização da APA- American Psychological Association a respeito de identidade de gênero.

O sentimento profundo e inerente de uma pessoa de ser um menino, um homem, ou macho; uma menina, uma mulher, ou fêmea; ou um gênero alternativo (por exemplo, gênero queer, não-binário, gênero neutro) que pode ou não corresponder ao sexo de uma pessoa atribuído no nascimento ou às características sexuais primárias ou secundárias de uma pessoa. Uma vez que a identidade de gênero é interna, a identidade de gênero de uma pessoa não é necessariamente visível para outros [...] (APA, 2015, p. 4)

Observa-se novamente a tendência construtivista de uma visão não limitadora acerca da identidade de gênero, já que, o binário (Homem/Mulher) não deixa de ser aceito, ou passará a ruir, mas sim, que ele também é um gênero dentre vários outros possíveis. Em contrapartida, as construções identitárias voltadas para identidade sexual possuem uma lógica binária em base de percepção genital, apenas. Segundo Madureira e Branco (2007) a identidade sexual é a percepção da experiência subjetiva a partir da orientação sexual.

E toda a identidade sexual que fuja da hegemonia vigorante, a heterossexual, é considerada 'anormal'. Inclusive a própria identidade sexual 'desviante' pode ser percebida como uma identificação de gênero transgressora ou defeituosa. Seria considerar, erroneamente, o homem cisgênero homossexual como na verdade desejante de uma identidade de gênero ao qual não pertence que é mulher, ou seja, uma 'falha' em seu gênero é ocasionada por ter uma identidade sexual diferente do que ele enquanto homem deveria ter.

De modo simplificado, volta-se para a concepção do senso comum de que todo homem cisgênero homossexual na verdade queria ser uma mulher cisgênero heterossexual e a mulher cisgênero lésbica queria ser um homem cisgênero heterossexual. Atentando que, o mesmo ideal ocorre voltado para pessoas transgênero, é o homem cisgênero homossexual que quer ser tanto

uma mulher cisgênero heterossexual que acaba tentando 'virar' uma, de mesmo modo, a mulher cisgênero lésbica que quer ser tanto um homem cisgênero heterossexual que acaba tentando 'virar' um.

Assim, geralmente, quando os homens apresentam comportamentos associados ao gênero feminino, são considerados homossexuais, inferiores, fracos, passivos e não são vistos como “verdadeiramente” homens, “machos”. E quando as mulheres adentram o universo masculino, também são vistas como inferiores e não são consideradas “verdadeiramente” mulheres, pois não estão obedecendo uma suposta ordem “natural”. Assim, muitas vezes, a homossexualidade é percebida como um defeito na identidade de gênero. (BARBOSA, 2017, p. 47)

Deixando claro que, esta concepção advinda do senso comum, baseada em estereótipos e estigmas não tem nenhuma lógica senão a do preconceito e a falta de informação a respeito de pessoas da comunidade LGBTTIQA+ de maneira geral.

Com os diversos usos do termo identidade sexual, Cecco e Shively (1977) elaboram os quatro componentes distintos que formam a identidade sexual (sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero (ou papel de gênero) e orientação sexual).

Todavia, se observa que o próprio conceito de orientação sexual já passa por um processo, que mesmo binário (Heterossexual/ Homossexual), a pessoa terá que vivenciar uma ou várias experiências de construção e identificação pessoais que vão delimitar qual é a identidade sexual (orientação sexual) da mesma, sendo assim, o uso de orientação sexual ou identidade sexual é, em prática desconstruída do binário determinista (Hétero/Homo, pênis/vagina, macho/fêmea) falar a mesma coisa.

Há também uma utilização não padrão de identidade sexual para se falar dos componentes que a formam, onde, em diversas fontes de referência utilizadas para a elaboração deste artigo, seu significado flui entre todos os quatro possíveis, entretanto, se percebe um uso mais frequente em classificação biológica (macho/fêmea, pênis/vagina), secundariamente em substituição de orientação sexual, e de modo errôneo, em substituição a identidade de gênero.

Identidade sexual: a persistência, unidade e continuidade da individualidade da pessoa como homem, mulher ou ambivalente, em maior ou menor grau, especialmente como é vivenciada em termos de autoconsciência e comportamento; a identidade sexual é a experiência particular do papel sexual, e o papel sexual a expressão pública da identidade sexual (MONEY; TUCKER, 1981, p. 12).

Sendo que, parametrizando com identidade de gênero não se tem um uso inicial ou mesmo diferente da mesma, como por exemplo “orientação de gênero”, tendo em vista que, a palavra identidade é muito mais individual,

abrangente e compõem como uma sub-identidade a identidade individual (self) principal de todos nós, logo, em exemplo, uma pessoa homossexual é homossexual porque se identifica assim, a pessoa descobriu que é assim, e isso a constitui (Em referência a identidade sexual), com a mesma lógica de funcionamento, porém voltada para uma identificação mais performática subjetiva, uma pessoa se identifica com identidade de gênero mulher, porque ela é uma, se descobriu como uma e isso também a constitui.

Elenca-se a diferença entre identidade de gênero e identidade sexual (orientação sexual) inicialmente, para que distinções essenciais sejam esclarecidas, já que, para falar sobre identidades românticas precisa-se primeiro entender aspectos da comunidade assexual e arromântica.

De acordo com uma pesquisa realizada através de questionários por Bell (2015) a assexualidade é uma identidade sexual onde não se sente a atração pelo ato sexual, isso, independente do gênero da pessoa e de sua atração romântica, já a arromanticidade é onde a pessoa não sente nenhum tipo atração romântica, apenas afetiva fraternal ou outros tipos de atrações. Ou seja, é exatamente aí que as identidades românticas foram mais analisadas, pois pessoas se identificavam como assexuais, entretanto sentiam atração romântica por outras ou não (arromântica), a depender de sua atração (heterorromântica, homorromântica, birromântica, etc.).

Bell (2015) fala que esse grupo dentro da comunidade LGBTTIQA+ ainda sofre muito com um apagamento e que os estudos a respeito são bem recentes, também deixa claro que as identidades românticas não são necessariamente usadas apenas por pessoas que se identificam como assexuais.

Em exemplo, uma pessoa heterossexual cisgênero não necessariamente tem atração heterorromântica por ter sua identidade sexual como hétero, pois atração sexual e atração romântica são independentes uma da outra e podem ocorrer juntas ou separadas. Sendo assim, uma pessoa pode se identificar com seu gênero, identidade sexual e identidade romântica de modo separado.

Ex1:	Identidade de gênero: Homem cisgênero	Identidade sexual: Heterossexual	Identidade romântica: Arromântica
Ex2:	Identidade de gênero: Mulher cisgênero	Identidade sexual: Lésbica	Identidade romântica: homorromântica
Ex3:	Identidade de gênero: Homem cisgênero	Identidade sexual: Bissexual	Identidade romântica: Heterorromântica
Ex4:	Identidade de gênero: Mulher cisgênero	Identidade sexual: Assexual	Identidade romântica: Birromântica
Ex5:	Identidade de gênero: Homem transgênero	Identidade sexual: Heterossexual	Identidade romântica: Demi-Heterorromântica
Ex6:	Identidade de gênero: Mulher transgênero	Identidade sexual: Lésbica	Identidade romântica: Arromântica
Ex7:	Identidade de gênero: Travesti	Identidade sexual: Assexual	Identidade romântica: Heterorromântica
Ex8:	Identidade de gênero: Gênero fluido	Identidade sexual: Heterossexual	Identidade romântica: Arromântica

Fonte: Exemplo baseado nos estudos de (BELL, 2015).

De acordo com as variantes atrações tanto sexuais quanto românticas, referenciando-se a pessoas com identidades sexuais diferentes, relatam que os dois tipos de atrações são considerados recíprocos, ou seja, se tem atração sexual por alguém do mesmo gênero logo também terá atração romântica por alguém do mesmo gênero (BELL, WEINBERG e HAMMERSMITH, 1981; MONEY, 1988). Só que, em termos práticos, observáveis e até mesmo na pesquisa de Bell, percebe-se que esta não é uma realidade fixa, pois não necessariamente haverá a atração sexual e/ou mesmo a romântica ao mesmo tempo, é apenas uma probabilidade maior de ocorrência em pessoas alossexuais.

Em Diamond (2003), Faderman (1981, 1993), Jensen (1999), Katz (1976), Nardi (1992;1999), Rotundo (1989) e Williams (1992) (apud DIAMOND, 2003 p.173):

A pesquisa realizada em diferentes culturas e períodos históricos (incluindo a cultura ocidental atual) descobriu que muitos indivíduos desenvolvem atos passionais com parceiros do mesmo gênero na ausência de desejos sexuais pelo mesmo gênero.

O intrigante é, como? Como pode uma mulher cisgênero ou transgênero, cuja identidade sexual é lésbica se dizer apaixonada por um homem, porém sem desejo sexual? Pondo em parâmetro, Whisman (1996) explicita que outras pessoas apenas conseguem desenvolver atração sexual por parceiros do mesmo gênero, entretanto não sentem ou desenvolvem atração romântica pelo parceiro também do mesmo gênero.

O ponto chave é que, mesmo uma pessoa que se identifique como homossexual e cisgênero não mandatoriamente se apaixonará por alguém do mesmo gênero. Na verdade, pode até mesmo se apaixonar por alguém do gênero oposto e não sentir nenhum tipo de atração sexual (homossexual-birromântico).

Comparativamente, se podem estabelecer características do espectro assexual e a gray-assexualidade que conforme Bell (2015) algumas pessoas podem sentir atração sexual apenas quando um vínculo afetivo é formado, de tal forma que essas pessoas se encontram dentro do espectro gray-assexual, onde se identificam como demissexuais, pois sentem atração sexual dentro de condições de laços afetivos mínimos.

Importante frisar que, a demissexualidade é uma característica dentro da identidade sexual e não uma identidade sexual por si só, de modo que, uma pessoa que se identifique como bissexual pode também ser demi, ficando demi-bissexual, que é uma pessoa que sente atração sexual por um ou mais gêneros, entretanto, só consegue estabelecer desejo pela prática sexual após conseguir um vínculo afetivo, seja o mínimo de afeto (intimidade, carinho, etc.) ou mesmo uma atração romântica mais intensa, e isso é válido para qualquer identidade sexual (demi-heterossexual, demi-homossexual, demi-lésbica, demi-pansexual, etc.).

Hinderliter (2016) também correlaciona a utilização do termo dentro da comunidade arromântica como demirromanticidade, também podendo ser usado dentro de identidades românticas (demi-heterorromântica, demi-

homorromântica, demi-lésbica, etc.)

Mas e a questão da libido baixa? Será uma doença? De acordo com Prause e Graham (2007) o estudo que levantaram, mesmo mostrando pouco desejo sexual por parte de pessoas que se identificavam como assexuais, não mostrou nenhum tipo de inibição sexual, apenas níveis de excitação mais baixos do que as pessoas que são asexuais.

Porém, por conta dessa concepção as pessoas assexuais começaram a ser associadas com algum tipo de problema, fosse físico ou psicológico, entretanto esta concepção de que a assexualidade possa ser uma doença advém muito mais do social que impõem práticas hipersexualizadas em tempo integral, como a norma, fazendo assim com que, novamente, tudo aquilo que foge ao padrão se configure em alguma doença.

Resultados

Há um certo acordo entre os(as) autores(as) pesquisados(as) para este artigo, a respeito de identidade de gênero como algo biopsicossocial trazido por Ciampa (1984) que não envolve apenas o sexo biológico (genital, órgãos reprodutores e cromossomos) mas sim processos subjetivos, sociais e culturais que moldam a descoberta identitária individual.

Entretanto, uns afirmam que gênero é uma construção social puramente, e que nada do que venha do biológico pode ser delimitante ou mesmo parâmetro para se analisar e/ou classificar o gênero tendo em vista que se constrói socialmente, de todo modo, há uma argumentação bem intensa entre estudos pautados no biológico e os que são desenvolvidos pelo social (BUTLER,1999),

Já que a busca por um trabalho em conjunto tem certa dificuldade de acontecer pois há sempre uma tentativa de invalidação da identidade de gênero, como fator intrínseco, pelo levantamento biológico inicialmente trazido por Stoller (1993) que ainda não tem unanimidade em resultados para justificar a existência de gênero como algo inato, porém, fomenta a construção binarista pautada nas divisões genitais (pênis/vagina) tidas como perfeitas, desconsiderando as pessoas intersexuais, bem pautado por Roughgarden (2004), (modo correto de se referir, hermafrodita ou hermafroditismo não é adequado).

E, a própria vivência para a construção social é posta por vezes como invisível, doentia ou mesmo fantasiosa por não se comprovar com um artifício biológico que não seja a própria pessoa se expressando ou performatizando.

Através de análise referencial, se percebe bem que existem múltiplos conceitos dentro de identidade sexual que vem sendo utilizados de modo não padronizado dentro do meio acadêmico, como englobadora de sexo biológico (genitalia e órgãos reprodutores), expressão de gênero (feminina/masculina), identidade de gênero e orientação sexual de acordo com Cecco e Shively (1977). Madureira e Branco (2007) utilizam a subjetivação de orientação sexual como sendo a identidade sexual.

Então, há de se refletir sobre isso, senão estamos mais em modelo dual (Heterossexual/Homossexual) qualquer outra orientação sexual automaticamente se torna identidade sexual, a constante divergência é que, o

termo identidade sexual tem mais outros três subtipos. Bem, se a “identidade sexual é a experiência particular do papel sexual, e o papel sexual a expressão pública da identidade sexual” (MONEY; TUCKER, 1981, p. 12).

Logo, afirma-se que a identidade de gênero neste contexto está sendo utilizada pelo termo identidade de sexual, parametrizando também uma possível conotação de papel sexual como também identidade de gênero e identidade sexual como comportamento sexual pautado em vivência sexual, os mesmos autores também utilizam uma configuração fluida em identificação sexual, onde se pode ser “homem, mulher ou ambivalente” (MONEY & TUCKER, 1981, p. 12).

Em suma, a falta da utilização direta dos termos em subtipos dentro de identidade sexual se configura em diversos tipos de interpretação, onde em determinados momentos a certeza do que está sendo conversado é substituída pela crônica dúvida: “O que o (a) Autor (a) quis dizer?”.

Já em identidade romântica as pesquisas ainda estão em fase inicial, logo, se tem uma falta de materiais mais quantitativos e qualitativos advindos de fontes científicas de acordo com Bell (2015), porém, está sendo explorado principalmente pela comunidade assexual como forma de identificação afetiva tendo em vista que contrapõem a asexualidade mandatória, e também põe em contestação a obrigatoriedade imposta pelo social em se ter prática sexual como comportamento normal e saudável, sem a devida consideração a aspectos identitários individualizados que envolvam desejo, intimidade, gênero, estética, romance, etc....

Onde, bem elencaram Diamond (2003), Faderman (1981, 1993), Jensen (1999), Katz (1976), Nardi (1992;1999), Rotundo (1989) e Williams (1992) (apud DIAMOND, 2003) em situações levantadas ao longo de seus estudos a existência de atração romântica sem a atração sexual, e como observado em Whisman (1996) a atração sexual sem qualquer atração romântica.

Discussões

Diferenças características entre identidade de gênero e identidade sexual (orientação sexual) devem ser mais explicitadas ao longo dos trabalhos para que não mais se pense as duas como uma única. Já que, em especial para a comunidade LGBTTIQA+ as diferenças identitárias não são somente pessoais como também políticas na luta por direitos, e quando não há essa organização o apagamento identitário de algum grupo pertencente a comunidade se torna inevitável.

Elenca-se também que, por mais que identidade de gênero possa parecer algo apenas pertencente a comunidade LGBTTIQA+ não o é, tal qual existem pessoas heterossexuais e que também são transgênero, a identidade de gênero é algo que todas as pessoas sendo cisgênero ou transgênero, possuem. Ainda existe, uma grande falta de informação mais largamente difundida entre as pessoas cisgênero.

Não obstante, com muitas variedades distintas de significado, utilizado de modo errôneo ou adaptável, a identidade sexual tem sido usada para uma série de significados distintos, onde ao que evolui tendencialmente a substituir a orientação sexual. Tendo em vista que, a fluidez e a diversidade de identidades

sexuais (heterossexual, homossexual, lésbica, bissexual, assexual, etc.) tem crescido em visibilidade, não cabendo mais no termo, contrapondo apenas macho/fêmea, pênis/vagina ou mesmo apenas hétero/homo, pois este já não se encontra mais em uma dicotomia pautada em genital, gênero ou atração sexual.

Tão pouco, seu uso para abranger múltiplos conceitos, que acabam por causar mais dúvida e incongruência com o que é abordado, ou seja, utilizar identidade sexual para falar de sexo biológico, identidade de gênero, orientação sexual, expressão de gênero ou até mesmo, práticas sexuais se torna confuso e desorganizado para pesquisadores da área ou qualquer outra pessoa que tenha interesse.

Se a utilização dos termos dentro de identidade sexual passasse a ser eles mesmos nos textos, o problema se resolveria, quer falar de sexo biológico? (Pênis/Vagina/Intersexo) utilize sexo biológico ou mesmo genital, quer falar de expressão de gênero? (Feminina/Masculina/Neutra) utilize expressão de gênero, quer falar de identidade de gênero? (Homem/Mulher/Não-binária) utilize identidade de gênero, quer utilizar orientação sexual? Substitua por identidade sexual que se configura em um termo com mais propriedade estrutural do que “opção” e/ou orientação.

Já as identidades românticas têm crescido exponencialmente dentro do espectro assexual e adentram o universo alossexual quando principalmente observadas em pessoas que se identificam com a demissexualidade em conjunto com sua identidade sexual principal.

É ainda bem claro o apagamento e a dificuldade de pertencimento da identidade assexual dentro da própria comunidade LGBTTIQA+, já que, como a comunidade é majoritariamente formada por pessoas que evocam em tempo integral as suas identidades sexuais e até mesmo suas práticas sexuais, quando um outro grupo que não mais entra em consenso se diz pertencente à comunidade, a tendência é que o mesmo seja deslegitimado enquanto identidade válida, e seja visto como algum tipo de distúrbio fisiológico, tal qual a sociedade também tende a ver, entretanto, mesmo que lentamente sua visibilidade está crescendo.

Por fim, a elaboração deste trabalho teve por intuito, a informação de conceitos ainda muito recentes e complexos, tendo em vista que a comunidade LGBTTIQA+ tem um histórico de marginalização, opressão, invisibilidade e descredibilidade social por fugir a heteronormatividade vigente. Ao passo que, com a disseminação de informações corretas originárias das próprias pessoas com identidades de gênero, identidades sexuais e identidades românticas sendo visibilizadas através da academia, o preconceito gerado por estereótipos bizarros se esvai e conquistas de direitos, respeito e resistência se firmam. Encerro com a seguinte citação:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (SILVA, 2000, p.83).

Considerações Finais

Primeiramente, observou-se que o conteúdo elencado já trazia questões referentes ao tema, pelo menos dentro do meio acadêmico, desde o final da década de 70, onde mesmo de modo problemático e muito medicalizante, já era trabalhado em estudos, de certa forma condensando as identidades em uma só, que era a sexual. A identidade de gênero se mostrou mais fortemente presente em discursos quando, em especial, as próprias pessoas transgênero e travestis precisaram entrar na luta política por direitos de reconhecimento social. O mesmo ocorreu com pessoas LGBIA+ cisgênero no uso de orientação sexual.

Marcante, a generalização feita em identidade sexual ao longo da pesquisa, a diversidade de sua utilização e como vários tipos de argumentações nos meios de militância tem se mostrado presentes justamente pela total confusão de termos aprendidos e perpetuados de modo errôneo por várias décadas.

Já em identidade romântica o material ainda é bem escasso, principalmente em fontes de autoria brasileira, a nível internacional já se encontram pesquisas e levantamentos básicos a respeito, entretanto carece de mais desenvolvimento em pesquisa tanto qualitativa quanto quantitativa, para que até mesmo a visibilidade da comunidade assexual e aromântica possa ter o devido reconhecimento.

Como apresentado em detalhes substanciais, as diferenças entre as identidades de gênero, sexuais e românticas foram devidamente explanadas em suas caracterizações, devidamente justificadas em suas separações e criticadas em uso problemático quando ocorrido, sendo assim, o objetivo proposto foi devidamente alcançado, onde de maneira limítrofe também se trouxe um pouco de sua correlação com os movimentos de militância LGBTTIQA+, como também conceitos sobre heteronormatividade, fundados nas diferenças de gênero e dominação, pertencentes aos estudos feministas.

Referências

APA, American Psychological Association. Guidelines for Psychological Practice with Transgender and Gender Nonconforming People. **American Psychologist**, v. 70, n. 9, 2015. p. 832-864.

American Psychological Association. **Definitions Related to Sexual Orientation and Gender Diversity in APA Documents**. Washington, 2015.

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BARBOSA, M. S. **Os Efeitos da Homofobia na Construção das Identidades Sexuais Não-Hegemônicas e o Papel da/o Psicóloga/o na Promoção da Saúde**. 2017. Monografia (Monografia em Psicologia) – UniCEUB. Brasília.

BARKER, M. J.; BOUMAN, W. P.; NIEDER, T. O.; SELA, L.; RICHARDS,

C.; T'SJOEN, G. Non-binary or genderqueer genders. **International Review of Psychiatry**. v. 3, p. 95-102, 2016.

BELL, A. P.; WEINBERG, M. S.; HAMMERSMITH, S. K. **Sexual preference**: Its development in men and women. Bloomington: Indiana University Press, 1981.

BELL, A. K. **Romantic Identity and LGBTQ Identification**: Variations of Experience in the Asexual Community. University Honors Theses, 2015.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. **Gender Trouble**. 2 ed. New York: Routledge, 1999.

CECCO, J. P. D.; SHIVELY, M. G. Components of sexual identity. **Journal of Homosexuality**, v. 3, p. 41-48. 1977.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: CODO, W. e LANE, S. T. M. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

DIMOND, L. M. What Does Sexual Orientation Orient? A Biobehavioral Model Distinguishing Romantic Love and Sexual Desire. **Psychological Review**, v. 110, n 1, p. 173-192. 2003.

FADERMAN, L. **Surpassing the love of men**. New York: William Morrow, 1981.

FADERMAN, L. Nineteenth-century Boston marriage as a possible lesson for today. In: ROTHBLUM, E. D.; BREHONY, K. A. **Boston marriages**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1993. (p. 29-42)

FOSTER, D. W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. **Letras: literatura e autoritarismo**, n. 22, jan./jun. 2001.

HINDERLITER, A. C. **The evolution of online asexual discourse**. Illinois: Urbana-Champaign, University of Illinois, 2016.

KATZ, J. **Gay American history**. New York: Crowell, 1976

JENSEN, K. L. **Lesbian epiphanies**: Women coming out in later life. New York: Harrington Park Press, 1999.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2 ed. Brasília: autor, 2012.

LEITE, J. J. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

LOURO, G. L. Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, v. 9, p. 541-553, 2º semestre, 2001.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MADUREIRA, A. F. A. e BRANCO, A. U. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 1, p. 81-90. 2007.

MEADOW, T. A rose is a rose: On producing legal gender classifications. **Gender & Society**, v. 24, n. 6, p. 814-837, dec. 2010.

MONEY, J.; TUCKE, P. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MONEY, J. **Gay, straight, and in-between**: The sexology of erotic orientation. New York: Oxford University Press, 1988.

NARDI, P. “Seamless souls”: An introduction to men’s friendships. In: NARDI, P. (Ed.), **Men’s friendships**. Newbury Park, CA: Sage, 1992. p. 1–14.

NARDI, P. **Gay men’s friendships**. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PRAUSE, N.; GRAHAM, C. A. Asexuality: Classification and characterization. **Archive of Sexual Behavior**, v. 36, p. 341-356. 2007.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C. R.; KINGET, M. **Psicoterapia e relações humanas**: teoria e prática da terapia não-diretiva. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROTUNDO, E. A. Romantic friendships: Male intimacy and middleclass youth in the northern United States, 1800–1900. **Journal of Social History**, n. 23, p. 1–25. 1989.

ROUGHGARDEN, J. **Evolution’s Rainbow**: diversity, gender, and sexuality in nature and people. California: University of California Press, Ltd., 2004.

SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

STOLLER, R. J. **Masculinidade e feminilidade**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3 ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

WHISMAN, V. **Queer by choice: Lesbians, gay men, and the politics of identity**. New York: Routledge, 1996.

WILLIAMS, W. L. The relationship between male–male friendship and male–female marriage. In: NARDI, P. (Ed.), **Men’s friendships**. Newbury Park, CA: Sage, 1992. p. 187–200.

Recebido em 20 de Agosto de 2018.

Aceito em 25 de Outubro de 2018.

Igor Sammy da Costa Jurema Farias

